



Dimensão icônica e campo afetivo na objetivação das representações sociais de rural e cidade

Iconic dimension and affective field in the objectification of the social representations of rural and city

**Mariana Bonomo
Lídio de Souza**

Universidade Federal do Espírito Santo
Brasil

Resumo

O estudo objetivou investigar a articulação entre campo afetivo e dimensão icônica na objetivação de representações de *rural/cidade* junto a quatro gerações de moradores de uma comunidade rural. Os dados foram coletados através de entrevistas que focalizaram: campo afetivo, sistematizado através da Análise de Conteúdo; levantamento das características positivas e negativas do campo/cidade, dados submetidos ao SPSS-17; núcleo figurativo dos objetos e articulação entre a dimensão afetiva e o componente icônico, dados processados através do software ALCESTE. Os resultados indicaram a associação dos objetos rural e cidade, respectivamente, a afetos positivos e negativos, dinâmica que se confirma no conteúdo icônico das representações. A elaboração do núcleo figurativo de rural apóia-se na idéia de equilíbrio/harmonia, enquanto a cidade é representada como caótica/desordenada. Na articulação entre dimensão afetiva e componente icônico, discute-se a função das imagens objetivadas como sistema de referência que orienta processos de identificação social com a categoria rural.

Palavras-chave: representação social; objetivação; afeto; rural; urbano

Abstract

The objective of this study is to investigate the interaction between the affective field and the iconic dimension in the objectification of rural/city within four generations of residents of a rural community. The data was collected through interviews which focussed on: the measurement of the affective field using Content Analysis; an investigation of the positive and negative aspects of the country/city, analysed via SPSS-17; an analysis of the figurative centres of the objects and the interaction between the affective dimension and the iconic components using ALCESTE software. The results associate the rural objects with positive affects and the city with negative affects, a dynamic which is confirmed by the iconic content of the representations. The formulation of the rural figurative centre relies on the idea of balance/harmony, while the city is chaotic/disorderly. The function of objectified images as a system of referencing which inform the processes of social identification within the rural category in the interaction between the affective dimension and the iconic component is discussed.

Keywords: social representation; objectification; affect; rural; city

Introdução

Historicamente (1) consolidada no imaginário social como “contraponto societário à modernização” (Frúgoli-Jr., 2003), no discurso contemporâneo a idéia de comunidade se concretiza em duas acepções principais: (a) como expressão de uma organização social baseada em relações solidárias entre conhecidos, em um sistema produtivo fundamentado na economia primária, associa-se à idéia de passado/atraso (Williams, 1990; Prezza & Pacilli, 2002); (b) como expressão do domínio público e civil da sociedade, que permitiria resgatar a dimensão idealizada de bem comum, símbolo da



imagem de democracia, bem como refletir sobre a condução das sociedades e grupos humanos (Jovchelovitch, 2008; Sawaia, 1996).

Como dimensões de uma mesma realidade, comunidade e ruralidade retratam um modo de vida que se manifesta nas formas de organização local. Para muitos soa como uma questão paradoxal que em meio aos avanços da *vida moderna*, grupos sociais ainda identifiquem-se com o modo de vida camponês (Naiff, Monteiro & Naiff, 2009). Como sociabilidade na contramão das idéias de progresso e desenvolvimento, o processo vivido por comunidades rurais fica mais claro quando pensado a partir dos movimentos de afirmação identitária que ocorrem no confronto com a globalização (Cabecinhas, 2006; Souza, 2008). Jovchelovitch (2008) argumenta que “A globalização do mundo, paradoxalmente, recrudesceu identidades locais e indivíduos hoje continuam a procurar os laços de solidariedade e comunalidade que são constitutivos da vida em comunidade” (p. 131).

No entanto, Del Priore e Venâncio (2006) alertam que na história do rural brasileiro não há o reconhecimento do modo de vida rural como uma das expressões da organização social do país: “Para dizer do espaço que fica além dos grandes centros urbanos falou-se durante muito tempo em ‘fronteiras’” (Del Priore & Venâncio, 2006, p. 13), lógica subjacente a um progressivo processo que fortaleceu a segregação entre os territórios em sua delimitação espacial e hierarquia simbólica. Se no plano da história o rural foi sendo esquecido, do outro lado da fronteira a realidade constituída pelos grupos sociais camponeses solidificou-se, e eles assumiram expressivo protagonismo na reivindicação de direitos e acesso aos bens sociais. Nesta perspectiva, Wanderley (2001) destaca o movimento de revalorização dos espaços rurais conduzido pelos próprios movimentos sociais que reivindicam as dimensões *rural* e *agrícola* em diferentes partes do mundo, processo que visa afirmar “a existência do rural, como espaço específico e como ator coletivo” (Wanderley, 2001, p. 33). A tomada da capital francesa por uma comitiva de tratores conduzidos por agricultores de todas as regiões do país evidencia a luta pelo reconhecimento da importância do trabalho agrícola na economia nacional e no funcionamento da sociedade. Conforme noticiado, “Uma das mais conhecidas avenidas de Paris, a Champs-Élysées, foi transformada em uma fazenda da noite para o dia, com toneladas de terra e milhares de plantas e até árvores” (“Agricultores franceses...”, 2010, 23 de maio).

No Brasil, apesar da contínua luta dos movimentos sociais rurais, as evidências históricas desenham um quadro de conflitos com diferentes impactos para os grupos rurais em todo o território nacional (Silva, 2004; Passos, 2008). Não escapam à luta camponesa a violência sofrida por integrantes de acampamentos rurais, o êxodo rural em direção aos grandes centros, a pobreza vinculada à escassez de recursos e às contingências climáticas que agravam as dificuldades de produção, a falta de acesso à saúde e à educação, e a desvalorização dos produtos agrícolas nas cotações do mercado. É com o objetivo de transformar a realidade social camponesa que “marcham as margaridas”, organizam-se os Sindicatos de Pequenos Agricultores Rurais e o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA), mobilizam-se os integrantes do Movimento Sem Terra (MST) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), entre outros representantes da categoria rural no cenário nacional e local (Ricci, 1999; Gohn, 2006; Feliciano, 2006).

As reflexões realizadas por Burity (2001), Cabecinhas (2006) e Souza (2008), contribuem para compreender como as tensões inerentes a uma estrutura social e econômica que engloba tanto idéias e práticas comunitárias quanto o modo capitalista de produção se projetam nestes movimentos. É possível constatar que tanto no campo quanto na cidade emergem diferentes arranjos e expressões de sociabilidades possíveis na tensão entre os dois modelos. Todavia, a partir da idéia de desenvolvimento, as primeiras foram tomadas como conservadoras e tradicionais, resistentes às inovações e avanços tecnológicos, subsistentes em sua forma de produção primária, e o último justamente como símbolo do progresso, cenário no qual o moderno se personifica e do qual parte o projeto de urbanização do “além fronteira”. Assim, “as representações sociais dos espaços rurais e urbanos reiteram diferenças significativas, que têm



repercussão direta sobre as identidades sociais, os direitos e as posições sociais de indivíduos e grupos" (Wanderley, 2001, p. 33).

A construção de uma realidade compartilhada, sustentada também por uma simbologia que represente fielmente o grupo frente à sociedade, emerge do trabalho de elaboração de um imaginário que envolve a mobilização afetiva das pessoas e a seleção, manutenção e transmissão dos elementos relevantes para o grupo. No prefácio do livro *Comunidades imaginadas* de Benedict Anderson, trabalho onde o autor discute a construção do sentimento de nacionalidade, Schwarcz (2008) nos convida à reflexão sobre os processos envolvidos na formação de uma identidade associada a determinado objeto social:

Nações são imaginadas, mas não é fácil imaginar. Não se imagina no vazio e com base em nada. Os símbolos são eficientes quando se afirmam no interior de uma lógica comunitária afetiva de sentidos e quando fazem da língua e da história dados "naturais e essenciais"; pouco passíveis de dúvida e de questionamento. O uso do "nós", presente nos hinos nacionais, nos dísticos e nas falas oficiais, faz com que o sentimento de pertença se sobreponha à idéia de individualidade e apague o que existe de "eles" e de diferença em qualquer sociedade (p. 16).

No plano da formação grupal das comunidades rurais, há de se considerar a construção social de sua realidade a partir de dois objetos essenciais à modulação simbólica e afetiva que sistematiza a comparação necessária para o posicionamento e expressão identitários: ruralidade e urbanidade como categorias sociais dialógicas (Marcová, 2006). São estas categorias que orientam o estabelecimento dos códigos endogrupoais e de sociabilidade que retratam a vida da comunidade e de seus membros. A construção de uma imagem grupal é parte do necessário processo de afirmação de fronteiras simbólicas entre "nós" e "eles", que garante a apropriação de um ambiente seguro e familiar, nuclear ao sistema de crenças e valores do grupo (Jodelet, 2005). É no imaginário que "as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro... O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias" (Carvalho, 1990, p. 10), berço de representações estratégicas acerca dos diversos objetos que compõem a realidade dos grupos sociais.

A preocupação principal do presente estudo, qual seja, a análise das representações sociais de rural e cidade a partir de integrantes de uma comunidade rural, conduziu à adoção do aporte teórico-conceitual da Teoria das Representações Sociais na abordagem processual. A abordagem processual (Jodelet, 2001, 2005, 2009; Moscovici, 1961/1978, 2003, 2005) focaliza o fenômeno das representações não apenas como *produto* do pensamento social, mas também como *processo*, proposição que permite compreender como as representações são criadas e mantidas no interior dos grupos sociais (Aragão & Arruda, 2008; Cruz & Arruda, 2008; Deschamps & Moliner, 2009). No domínio sócio-genético das representações sociais, Moscovici (2003) propôs a ação de dois processos sócio-cognitivos centrais, a ancoragem e a objetivação. *Tornar o estranho familiar*: eis a função elementar dos referidos processos, o primeiro para ancorar idéias incomuns em categorias cotidianas e conhecidas, e o segundo, por sua vez, transformando o abstrato em imagem concreta e tangível, dando corpo à realidade social dos grupos e indivíduos (Cerrato & Villarreal, 2007; Galli, 2006; Palmonari, Cavazza & Rubini, 2002).

O processo de objetivação, que consiste em "descobrir a qualidade icônica de uma idéia, ou ser impreciso... reproduzir um conceito em uma imagem" (Moscovici, 2003, pp. 71-72), comprehende três fases: 1) *seleção e descontextualização* das informações, crenças e idéias acerca do objeto de representação, como forma de se obter um todo relativamente coerente; 2) *esquematização estruturante*, permite atingir um certo padrão das noções básicas que constituem uma representação. Assim, as imagens que foram retidas são incorporadas em um "padrão de núcleo figurativo, um complexo de imagens que



reproduzem visivelmente um complexo de idéias” (Moscovici, 2003, p. 72); e 3) *naturalização*, onde o que era percepção se torna realidade, o abstrato se traduz em imagens e metáforas, ganhando concretude nas relações sociais (Deschamps & Moliner, 2009; Cabecinhas, 2006; Galli, 2006; Moscovici, 2003; Palmonari, Cavazza & Rubini, 2002).

O trabalho de elaboração das representações é mobilizado por “um fluxo de afetos, imaginários, estilos cognitivos e se configura por meio de processos que, sendo sociais, são ao mesmo tempo psicológicos” (Arruda, 2009a, p. 742), convergindo para a elaboração de uma realidade compartilhada pelos grupos e ganhando o status de sistema de referência para as práticas sociais (Jodelet, 2001). Em seu estudo clássico sobre as representações sociais da loucura, Jodelet (2005) refere-se à dinâmica de *familiarização*, na qual atuam a distorção ou revestimento da realidade em favor do sistema interpretativo do grupo, processo apoiado nos valores normativos de onde partem poderosas significações em torno dos objetos sociais.

O hábito traduz então a experiência, pela qual tudo, até o insólito, tornando-se costumeiro, acaba por tornar-se banal. O poder de conhecimento e de aceitação atribuído ao simples fato de ver só se comprehende, entretanto, se se admite que essa experiência está socialmente codificada. Aprende-se a ver ou a não ver (p. 90).

Neste quadro de constituição de um sistema de referência, a partir da realidade tal como simbolizada, Moscovici (2003) chama a atenção para o fato de os indivíduos não serem apenas consumidores do imaginário social. Eles são, sobretudo, agentes que o colocam em movimento e o recriam segundo sua inserção na esfera social, cultural e histórica, perspectiva que resgata a autonomia relativa do sujeito da representação (Jovchelovitch, 2008). Moscovici (2003) esclarece que

Aceitar e compreender o que é familiar, crescer acostumado a isso e construir um hábito a partir disso, é uma coisa; mas é outra coisa completamente diferente preferir isso como um padrão de referência e medir tudo o que acontece e tudo o que é percebido, em relação a isso (p. 55).

Ao discutir os riscos de reificação do campo representacional, Doise, Clemence e Lorenzi-Cioldi (1995) argumentam que o processo de *objetivação* não pode ser concebido como sendo estático e nem a *consensualidade* como suficiente para apagar as diferenças individuais. Ao considerar a trama social das representações como *compartilhada*, e não simplesmente consensual, há de se questionar sobre “a influência dos discursos culturalmente conscientes sobre o pensamento cotidiano” (Doise, Clemence & Lorenzi-Cioldi, 1995, p. 77 – tradução nossa), atentando para as trocas simbólicas na esfera das relações entre grupos, contexto em que as representações são produzidas, justificadas, mantidas ou transformadas. A reflexão de Lloyd e Duveen (1990), acerca das representações sociais de gênero a partir da análise semiótica, se associa a esta perspectiva. Os autores explicam que os sistemas de signos (Santaella, 2004; Barthes, 1964/2006; Pietroforte, 2007), por meio dos quais as imagens são produzidas pelos grupos nas conversações cotidianas, dependem do compartilhamento entre seus membros dos significados associados ao objeto, coesão simbólica construída ao longo do processo de socialização.

A imagem social de um objeto, fruto da representação como processo de significação, de acordo com Moliner (1996), consiste em um conjunto de características e propriedades atribuídas pelos indivíduos que apresenta dupla função: (a) constitui a forma sobre a qual os objetos sociais existem no universo cognitivo dos indivíduos, e (b) possui função avaliativa: as características e propriedades associadas aos objetos permitem aos indivíduos estabelecer julgamento sobre os mesmos. Este mecanismo favorece o processo de comparação social (Brown, 1997, 2000), posto que a elaboração da imagem



baseada na representação da realidade tem como objetos fatos, pessoas, coisas ou sentimentos que permaneceram na memória e no imaginário dos indivíduos (Moliner, 1996). Como modalidade histórica que tem forte participação na manutenção dos elementos simbólicos significativos para os grupos, a memória apresenta-se, neste contexto, como “produto social construído nos processos comunicativos, que reflecte as pertenças e as identidades sociais dos indivíduos assim como as suas trajectórias pessoais, também elas marcadas pelo social” (Cabecinhas, 2006, p. 06). O estudo realizado por De Rosa (2005), sobre o papel das imagens na memória social, confirma a relação entre a dimensão icônica e os elementos simbolicamente relevantes, destacando a participação dos afetos neste processo.

Arruda (2009b) também enfatiza a dimensão dos afetos no eixo *processo de significação - objeto/grupo*, destacando a importância da identificação social como eixo estratégico do processo de familiarização, em função do qual os grupos elaboram as representações sociais.

A representação social, portanto, não cumpre uma função apenas com relação à familiarização do objeto, mas também em relação à familiaridade com o grupo, e a dimensão afetiva está na base deste trânsito, apoiada na memória, na experiência, nas contingências da situação... A forma a ser dada à interação social irá contemplar, na sua concretização, o desejo de se identificar e ser identificado – ou não – pelo grupo como um dos seus (Arruda, 2009b, p. 91).

De acordo com Moliner (1996), a imagem emociona justamente porque está vinculada diretamente a experiências anteriores, que permitem resgatar elementos significativos da história dos grupos e dos indivíduos. Como dimensão compartilhada, estaria também na base do sistema de manutenção da segurança, nas fronteiras entre um mundo conhecido e aquele do qual se deve proteger ou ainda explorar, a fim de torná-lo um espaço dominado pelos indivíduos e seus grupos. Rimé (2008) explica:

A evolução da discriminação perceptiva conduz, assim, ao estabelecimento de um sistema binário de resposta ao ambiente, no qual a percepção se conecta aos modelos internos e às emoções: diante de um elemento familiar, sintonia, emoção positiva e aproximação; diante de um elemento não familiar, assintonia, emoções negativas (medo, gritos, angustia, etc) e afastamento. Graças a este dispositivo simplíssimo, o jovem indivíduo se mantém perto aos objetos familiares – e então, seguro – e distante dos elementos estranhos (p. 346 – tradução nossa).

A despeito de sua presença nos processos elementares da experiência humana no mundo (Rimé, 2008; Lima, Bomfim & Pascual, 2009) e da reconhecida contribuição para o estudo das representações sociais, visto que sob a ótica dos afetos poderíamos “retomar processos clássicos da construção das representações” (Arruda, 2009b, p. 93), a dimensão afetiva ainda apresenta-se como um grande desafio para os pesquisadores da área. Campos e Rouquette (2003) sugerem que esta dificuldade decorre da ausência de uma *teoria da afetividade* que possa ser associada ao campo sócio-cognitivo, amplamente explorado na esfera dos estudos em representações sociais. É neste sentido que De Rosa (2005) tem desenvolvido alguns estudos focalizando a semiótica como recurso metodológico. Segundo a autora, a semiótica ou a capacidade de representar o que é conhecido através dos signos ou dos sistemas de significação (Santaella, 2004; Barthes, 1964/2006; Pietroforte, 2007), tem sido utilizada como caminho estratégico para a obtenção de dados acerca dos aspectos afetivos, cognitivos e culturais, contribuindo para o acesso a níveis ainda pouco explorados dos fenômenos psicossociais.



Diante de tais considerações, investigou-se a constituição das imagens elaboradas acerca dos objetos *rural* e *cidade*, sua significação para o grupo rural, bem como a experiência afetiva a eles associadas, com o objetivo de conhecer o processo de *objetivação* das referidas representações no contexto sócio-cultural comunitário e rural, tomando a ruralidade e a urbanidade como categorias sociais dialógicas (Marcová, 2006).

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 200 moradores uma comunidade rural, com idades entre 07 e 81 anos, distribuídos em quatro grupos com base no critério geracional. Foram entrevistadas 50 pessoas de cada grupo geracional, 25 do sexo feminino e 25 do sexo masculino, o que representou 34,24% dos habitantes locais. A distribuição dos respondentes foi realizada da seguinte forma: 4^a geração entre 07 e 12 anos; 3^a entre 15 e 25 anos; 2^a entre 35 e 45 anos e 1^a geração 60 anos ou mais. Todos os participantes da 3^a e 4^a gerações eram solteiros, da 2^a geração casados (98%) ou divorciados (2%) e da 1^a geração casados (82%) ou viúvos (18%).

Contexto comunitário e procedimento de coleta dos dados

A comunidade rural era composta por 167 famílias, reunidas segundo organização social alicerçada no modelo sócio-cultural comunitário, sendo notável o investimento em espaços para interação entre os grupos familiares. O sistema de produção baseado na agricultura familiar favorecia a existência de mediadores que visavam a manutenção da realidade camponesa, como escolas de pedagogia rural, sindicato de pequenos agricultores e associação/cooperativa local para beneficiamento da produção agrícola das unidades familiares. Em função da realidade agrícola e comunitária das famílias, procedeu-se a coleta dos dados respeitando a dispersão das pessoas nos diferentes espaços do território, aumentando a interação com os diversos membros da comunidade rural e favorecendo a realização da pesquisa de forma mais contextualizada. Ressalta-se que as entrevistas foram realizadas individualmente e foram precedidas de leitura, esclarecimentos sobre os objetivos e procedimentos utilizados e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido para participação em pesquisas científicas. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para processamento das informações obtidas.

Instrumentos e tratamento dos dados

Como estratégia de captação do campo afetivo e das imagens associadas aos objetos de representação abordados, utilizou-se os seguintes recursos: (I) relato do como o respondente *se sentia* quando estava na cidade através de (i) uma palavra que para ele fosse representativa da referida situação e, em seguida, pedia-se que (ii) justificasse a resposta fornecida (o mesmo procedimento foi adotado para o território rural); (II) descrição do conteúdo icônico vinculado à cidade e ao rural. Nesta segunda parte pedia-se ao respondente para imaginar uma figura que representasse os referidos objetos (como se fosse pintar um quadro ou fazer um desenho) e, posteriormente, o participante descrevia detalhadamente as imagens referentes ao rural e à cidade; e (III) listagem de três pontos positivos e três negativos para o rural e para a cidade. Informações sobre a identificação sócio-demográfica do participante também foram coletadas.

Para a organização dos dados provenientes da investigação sobre o campo afetivo vinculado ao rural e à cidade utilizou-se o procedimento de análise categorial temática, de acordo com as orientações metodológicas da Análise de Conteúdo (Bardin, 2002, 2003). Este recurso é estratégico para o reconhecimento da natureza da informação e de seus significados associados, baseado na classificação dos objetos a partir de propriedades comuns e da construção de conjuntos semânticos distintos. O banco de dados resultante do conteúdo verbal das imagens, por sua vez, foi processado através do software de análise textual ALCESTE (Reinert, 1990). Na concepção de Lima (2008),



o programa pode ser interpretado como um instrumento que permite identificar o *coletivo* no discurso dos indivíduos e, através da classificação fornecida, atingir os “nódulos culturais das representações sociais: a cognição partilhada, a experiência conjunta” (p. 88).

As informações derivadas da identificação de “coisas boas” e “coisas ruins” do rural e da cidade foram submetidas ao software SPSS-17 a fim de obter a freqüência dos elementos e identificar os mais representativos em cada *corpus* de dados. No que se refere aos dados sócio-demográficos, utilizou-se procedimentos da estatística descritiva.

Resultados e discussão

O familiar e o não familiar: campo afetivo vinculado ao rural e à cidade

A abordagem do campo afetivo é utilizada para compreender o processo de elaboração das representações sociais de rural e de cidade a partir das imagens presentes no universo simbólico de membros de uma comunidade rural. Entende-se que a identificação da dinâmica afetiva vinculada aos objetos de representação auxiliará na tarefa de contextualização de tais objetos segundo a familiaridade do grupo com as realidades investigadas (Jodelet, 2005; Moscovici, 2003, 2005). Nesta perspectiva, a seguinte questão torna-se relevante: existe um campo afetivo, compartilhado pelos membros do grupo rural, vinculado aos objetos de representação *rural* e *cidade*? Ou, em outras palavras, como na acepção de Rimé (2008), o conjunto de dados estudados refere-se à dimensão social dos afetos? A identificação da marca social, que possa conduzir à expressão do conteúdo investigado, será um primeiro referencial à exploração do complexo icônico e de seu processo constitutivo, permitindo avançar no estudo das representações sociais dos objetos abordados.

Com a finalidade de delimitar os objetivos implicados na análise referente ao conjunto de dados desta seção, ressalta-se que o estudo não buscou focalizar o desenvolvimento dos afetos ou estabelecer uma análise tipológica do conteúdo fornecido pelas narrativas dos participantes. É importante informar ainda que a distinção entre afeto, sentimento e emoção não foi aqui adotada, assumindo em conjunto todas as manifestações que representem as dimensões do *sentir*, como categorias de um mesmo fenômeno (Leite, 1999; Martins, 2004).

Cada campo afetivo foi constituído por um total de 200 elementos, os quais representam o *como* os participantes se sentiam quando iam à cidade e *como* se sentiam em território rural. Embora cada participante tenha elegido um único estado afetivo para descrever como se sentia nos espaços estudados, na justificativa os respondentes mencionaram ainda sinônimos para as nomeações principais ou incorporaram outros afetos, além da freqüente menção a sensações físicas como argumentação mais detalhada do processo afetivo vivenciado. Bonomo e Araujo (2009) informam que este processo é esperado, considerando que raramente será encontrado um campo afetivo isolado de reações orgânicas, sendo mais apropriado pensar este campo como um complexo formado por características fisiológicas, subjetivas e motivacionais, no contexto em que os indivíduos estão inseridos.

O campo afetivo de rural foi constituído por 199 elementos afetivos avaliados como positivos (AP) e apenas 01 elemento com significação negativa. Para a cidade foram mencionados 177 elementos afetivos avaliados como negativos (AN), 17 positivos e 06 ambíguos, casos em que um mesmo respondente apresentou, simultaneamente, um AP e um AN em relação à cidade. No Quadro 1 dispomos os elementos que constituem os campos afetivos associados aos referidos objetos, segundo a dinâmica prevalecente (AP/rural – AN/cidade). Como expressão das imagens vinculadas aos objetos abordados, o dado referente à distribuição dos afetos em um campo polarizado fornece uma primeira indicação acerca da *tomada de posição* dos indivíduos em função dos objetos *rural* e *cidade* (Brown, 1997, 2000; Moliner, 1996).



Quadro 1: Distribuição das categorias e freqüências do campo afetivo

| Campo afetivo | ESTAR NO RURAL E ESTAR NA CIDADE | | Campo afetivo |
|---------------|----------------------------------|-------------------|---------------------------|
| | RURAL | CIDADE | |
| | Polaridade | | |
| Gosto | n = 42 | (+) ← ----- → (-) | Não gosto n = 48 |
| Alegre/feliz | n = 38 | (+) ← ----- → (-) | Triste n = 10 |
| Bem-estar | n = 37 | (+) ← ----- → (-) | Mal-estar n = 12 |
| Livre | n = 33 | (+) ← ----- → (-) | Preso n = 44 |
| Tranquilo | n = 31 | (+) ← ----- → (-) | Ameaçado n = 46 |
| À vontade | n = 18 | (+) ← ----- → (-) | Incomodado/confuso n = 17 |

Confrontando a polaridade dos campos afetivos de acordo com a dinâmica AP/rural e AN/cidade, conforme pode ser visualizado no Quadro 1, existe correspondência entre o conteúdo dos afetos referentes ao *estar* no rural e *estar* na cidade. Essa dinâmica merece ser analisada com atenção, visto que 99.5% das respostas para o rural foram de AP e 88.5% para a cidade de AN, e como será apresentada nos dados mais específicos referentes às representações sociais dos dois territórios, a *dimensão afetiva* forneceu importante contribuição para a interpretação do processo de elaboração do núcleo figurativo dos objetos analisados (Moscovici, 2003, 2005).

Para compreender a função dos afetos no contexto estudado é necessário resgatar a natureza do vínculo estabelecido entre o grupo rural e a cidade, e ainda em relação ao seu próprio território. Geralmente, a cidade é um lugar no qual as pessoas do grupo vão para *resolver coisas* – banco, supermercado, farmácia, hospital, cartório, prefeitura e pagar as contas –, estabelecendo uma relação instrumental com este espaço. Diferentemente do sistema de contratos verbais que regulam os acordos estabelecidos entre os membros do grupo, baseados no valor da honra sobre o nome (Maia, 2006) e na confiança entre as pessoas da comunidade, na cidade, o grupo rural precisa obedecer ao sistema burocrático, com linguagem e conjunto de informações próprias daquele sistema. Assim, o estranhamento e o desconforto, frutos desse hiato sócio-cultural entre os dois espaços (Delumeau, 2007), tornam-se basilares e regulam as diferentes interpretações sobre a interação dos indivíduos com o que está fora do universo rural.

O vínculo com o próprio espaço e a valorização do modo de vida a ele associado se traduzem em um campo afetivo do rural dotado de significação positiva ("gosto", "me sinto alegre/feliz"), comparado com um ritmo de vida mais acelerado nos centros urbanos, o que não é apreciado pelos membros do grupo rural ("não gosto", "me sinto triste"), como pode ser verificado na narrativa a seguir.

Você tá feliz aqui. O psicológico da pessoa rural é mais saudável. Lá é coração fechado, angustiado, triste, como se você estivesse em uma prisão. Nossa, quando tenho que ir à cidade, sinto mal-estar e dor de cabeça. É um atrito. Você tem que proteger a bolsa, carro para todo lado, as pessoas te tratam mal. (3ª geração).

A estratégia de comparação se expressa como lógica subjacente ao conteúdo afetivo também no que se refere às respostas fisiológicas de rejeição à cidade e adaptação ao rural. A descrição de sintomas físicos relacionados ao estar na cidade – como náuseas, dor de cabeça, cansaço corporal, dor nas pernas ou dificuldade para respirar – esteve presente na justificativa apresentada para diversas nomeações do campo afetivo.

Você chega, parece que o jeito da gente viver, a gente respira melhor aqui. Na cidade é muito ruim por conta da muita matança que tem lá. Eu acho que se eu tivesse que morar na cidade, eu não sobreviveria não. Quando tenho que ir lá, eu sinto dor de cabeça, vontade de fazer vômito, me dá uma dor de cabeça enorme e eu chego em casa e vomito mesmo. Eu não sei explicar bem o porquê, mas eu não me sinto bem



na cidade. Eu não consigo respirar direito lá. (2^a geração).

A oposição entre o conhecido e o desconhecido ganha o sentido também metafórico do indivíduo *livre* no campo vs. uma vida *presa* na cidade, esta reconhecida pelo grupo como condicionada a um contexto relacional limitado e submetido a uma convivência obrigatória entre estranhos.

No meio rural tenho aquilo que planto, tenho liberdade. Porque na cidade a gente vê pessoas, pessoas que a gente não conhece. Quando tenho que ir lá sinto muita dor de cabeça. Não agüentava a minha cabeça, doía. Muita zoada, poluição do ar... é muita atribulação lá. Na cidade nem todos se conhecem, você fica com a pulga atrás da orelha, é uma prisão. (1^a geração); Tenho muitos sonhos bons aqui no rural. Me sinto solta! Não precisa tomar cuidado aqui. Na cidade, tem muita zuada lá... eu sinto dor de cabeça. (4^a geração).

Os elementos *tenso* ($f = 06$), *inseguro* ($f = 09$), *medo* ($f = 20$) e *preocupado* ($f = 11$) foram reunidos na categoria *ameaçado*. Este conteúdo retrata a oposição entre a vida percebida como *tranquila* no rural, um espaço protegido possibilitado pela interação cotidiana entre os núcleos familiares conhecidos, e a cidade, mais uma vez interpretada como um contexto não familiar e perigoso ao grupo rural.

Campos abertos para lazer... você se sente voando aqui. Lá você não sabe o que pode acontecer. Sinto dor de cabeça, dor nas pernas... é o meu sistema nervoso. Você já sai de casa com aquele negócio... você fica preocupado com o povo estranho, com os carros da rua. Te ataca aquele estresse e nós não somos acostumados com isso, não tem estresse aqui na roça. (2^a geração).

A relação com o tempo (no desenvolvimento dos trabalhos agrícolas, domésticos e comunitários) e o completo domínio dos espaços dentro da comunidade rural imprimem uma rotina de atividades e formas de resolução de problemas segundo lógica e complexidade construídas e apropriadas pelo grupo. Assim, a entrada na cidade e a necessária submissão à sua lógica de funcionamento geram incômodo, insegurança e confusão nos participantes do estudo.

Aqui não acontece tanta coisa como na cidade. Aqui tem as amizades, o costume. Na cidade eu não tenho costume, nem sei explicar direito... tem roubo, muita coisa. Quando vou na cidade, sinto dor de cabeça, perturbação, fico doida pra chegar em casa. Quando chego em casa, passa. Quando eu chego lá, acho que não vou ser capaz de resolver as coisas. (2^a geração).

O campo afetivo associado à cidade, composto por elementos positivos (8.5%), reflete a relação dos respondentes com o território urbano ("me sinto bem" e "gosto") no qual realizam alguma atividade e também manifesta a comparação entre os recursos disponíveis na cidade e os ausentes no espaço rural: "Na cidade têm coisas que aqui não tem" (4^a geração); "Lá é legal porque tem as lojas e os supermercados" (3^a geração). A cidade foi associada simultaneamente a AP e AN por 3% dos participantes (bem/medo, bem/injustiçado, feliz/não gosto, gosto/não gosto e tranquilo/medo) – "Lá tem mais violência, mas a gente também precisa dela" (3^a geração) – que reconhecem a dependência dos recursos existentes na cidade, mas consideram os aspectos negativos associados àquele contexto. No que se refere ao campo afetivo associado ao rural, apenas um respondente (4^a geração) mencionou sentir-se *mal* em seu território (o termo foi associado também à cidade por este mesmo participante), destacando a questão da pobreza vivida em ambos os espaços.



Acreditamos ser pertinente retomar aqui as questões que colocamos no início da exposição dos resultados relativos à dimensão afetiva: Existe um campo afetivo, compartilhado pelos membros do grupo rural, vinculado aos objetos de representação *rural e cidade*? Como o conjunto de dados estudados refere-se à dimensão social dos afetos? Os resultados apresentados e a consistência do conteúdo manifestado pelos participantes do estudo permitem destacar pontos que podem subsidiar a formulação de possíveis respostas.

O “conhecer através do sentir”, expressão do filósofo Stanley Cavell recuperada por Moscovici (2008), fornece um argumento que, diante dos dados, devemos considerar: comunicamos nossas experiências afetivas para nos informar a respeito de um mundo que compartilhamos. O estudo realizado por Macedo, Oliveira, Günther, Alves e Nóbrega (2008), a respeito do afeto pelos lugares, apresenta evidências importantes sobre a mediação afetiva para o estabelecimento dos vínculos com o território: “a história de vida do indivíduo, as suas interações com o ambiente, a qualidade dessas interações e o afeto a elas relacionado influenciam na configuração de um ambiente como preferido ou evitado” (p. 448).

A manifestação significativa da dinâmica afetiva AP-rural vs. AN-cidade reflete a dimensão *compartilhada* dos afetos (Rimé, 2008), que orientam processos de identificação com o modo de vida rural e a ligação entre os membros do grupo. Esse processo é favorecido pela comparação com contextos interpretados como ameaçadores ao funcionamento do próprio grupo (Moser, 2004), como na pesquisa sobre a apropriação do território local por nativos de uma comunidade pesqueira de Santa Catarina, realizada por Jerônimo e Gonçalves (2008). Os resultados encontrados pelas autoras indicaram que a intensa presença de turistas na comunidade, apesar de provocar mudanças negativas segundo a perspectiva dos moradores, reforçava o sentimento coletivo de pertencimento, ativando as relações afetivas entre as famílias locais e fortalecendo a interação entre os membros do grupo.

Na função de comunicabilidade dos afetos (Leite, 1999; Parkinson, 1996), verifica-se a ação da afetividade no fortalecimento dos laços sociais, como instrumento de apropriação do mundo e sistema de referência em relação aos objetos de significação relevante para os diferentes grupos sociais (Moscovici, 2003, 2005, 2008). Como se pôde verificar, os resultados confirmam a existência de um campo afetivo *compartilhado* que indica a formação do grupo como unidade simbólica, acentuando as diferenças entre o próprio contexto e o território urbano, ou, como na máxima moscoviciana, entre o *familiar* e o *não familiar*. Nesta dinâmica de familiarização, os universos consensuais, como ensina Moscovici (2003), “são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. Tudo o que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição” (p. 54), processo que ficará ainda mais evidente na discussão que procura articular o campo afetivo às representações sociais de cidade e de rural.

Do processo de objetivação nas representações sociais do rural e da cidade

Das 200 entrevistas (UCI's - Unidade de Contexto Inicial) processadas pelo programa ALCESTE houve um aproveitamento de 78.05% do *corpus* de dados original, tendo sido fornecidas 544 UCE's (Unidade de Contexto Elementar – fragmentação do *corpus* de dados segundo critérios de pontuação e tamanho do banco de informações). A análise lexical sugerida pelo *software* é apresentada por meio (I) da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), constituída pelas classes formadas com as palavras mais representativas a partir do valor do qui-quadrado, e (II) da Análise Fatorial de Correspondência (AFC), com a projeção das classes e variáveis relevantes ao estudo (Figura 2) (Oliveira, Gomes & Marques, 2005). A CHD, referente ao conteúdo verbal das imagens associadas ao rural e à cidade, foi sistematizada em 4 classes, conforme Figura 1. Para representar os significados presentes em cada classe foram selecionadas as 10 palavras com maior qui-quadrado, cálculo que indica a força de associação entre a palavra e a classe correspondentes (Kronberger & Wagner, 2002) e, para fins de



contextualização, serão apresentadas as classes acompanhadas de suas respectivas UCE's, como sugeridas pelo programa ALCESTE.

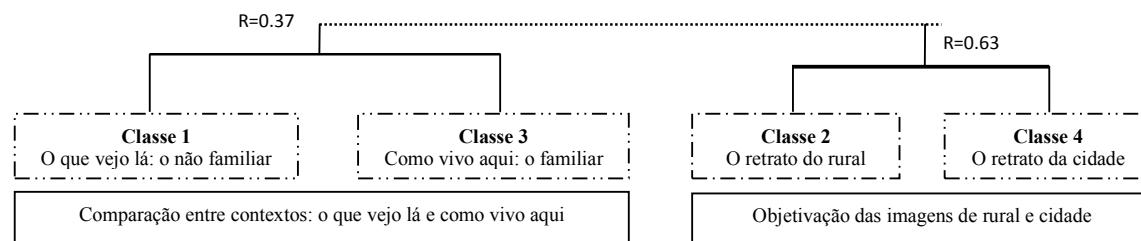


Figura 1: Classificação Descendente Hierárquica – Dendrograma das classes estáveis

O Eixo 1 “Comparação entre contextos: o que vejo lá e como vivo aqui” (Quadro 2) é formado pelas Classes 1 e 3, tendo índice de relação de 0.37, o que indica uma fraca ligação entre as classes - valores acima de 0.5 indicam ligação mais forte (Menandro, 2004). Em outras palavras, pode-se dizer que a fraca relação entre as classes sinaliza a distância simbólica entre o tema da ruralidade vivida pelo grupo e a cidade, ainda assumida como um lugar diferente e associada a sentimentos de rejeição.

Quadro 2: Distribuição das palavras segundo as classes fornecidas no Eixo 1

| EIXO 1 COMPARAÇÃO ENTRE CONTEXTOS: O QUE VEJO LÁ E COMO VIVO AQUI | | | | | | | |
|--|-------|-----------|-------|----------------------------|-------|-----------|-------|
| CLASSE 1 | | | | CLASSE 3 | | | |
| O que vejo lá: o não familiar | | | | Como vivo aqui: o familiar | | | |
| Termo | Chi-2 | Termo | Chi-2 | Termo | Chi-2 | Termo | Chi-2 |
| Ir | 40.46 | Parece | 11.29 | Vivo | 35.96 | Prefiro | 16.04 |
| Lá | 29.54 | Meu Deus | 11.19 | Tranquilo | 29.60 | Livre | 12.78 |
| Vir embora | 23.54 | Medo | 11.19 | Aqui | 25.21 | Igualdade | 10.87 |
| Doido | 18.17 | Não gosto | 11.19 | Gosto | 21.61 | Melhor | 10.76 |
| Vejo | 11.76 | Triste | 11.07 | Pode | 17.08 | Carinho | 10.04 |

A Classe 1 “O que vejo lá: o não familiar” é composta por 30.88% do *corpus* analisado tendo sido gerado, a partir desse conteúdo, um total de 168 UCE's. Para esta classe foram selecionadas 167 palavras, com uma média de 12.24 palavras analisadas por UCE. O contato limitado com a cidade, especialmente nas primeiras gerações, contribuiu para a elaboração do seu sentido como um lugar também desconhecido e distante da realidade rural, conforme UCE's a seguir (# = palavras relevantes para a constituição da classe):

A #gente #nasceu e se criou no meio da macega sempre, nunca estudou, só trabalhar e pronto. Naquele tempo a gente nem sabia que tinha cidade. Ninguém ia. Era tudo nas costa de animal no meio da mata. Existia cidade, mas a #gente #nem_sabia que existia. ($\chi^2=40$); Eu #lembro quando eu era pequeninha, ia pegar remédio, nós #ia a cavalo. #Saía às seis_manhã e #voltava às seis_noite. Eu não_fui muitas #vez na cidade não. ($\chi^2=12$).

As novas gerações, herdeiras deste imaginário, além de conceberem a cidade como incógnita, sobre a qual podem tecer impressões (“parece”, “vejo”), a ela associaram a idéia de um mundo potencialmente perigoso (“medo”, “meu Deus”, “triste”, “não gosto”) e distante da proteção oferecida pela comunidade – Você #chega no asfalto, você já #sabe que está #indo #pra cidade. Nesta #porta você #entra #nela #sem_saber o que #vai ter lá na frente, a cidade é assim”. ($\chi^2=13$). A necessária relação com a cidade,



para fins burocráticos, de atendimento médico, compras no supermercado ou no comércio de produtos agrícolas, é descrita por meio do ir-e-vir ("ir" e "vir embora"), confirmado a relação instrumental com este espaço, como demonstrado no campo afetivo (Quadro1).

A cidade eu #vou #fazer o que tem que #fazer e quero #vir_embora. Pra mim, que #não_moro em cidade, eu dou #graças_a_Deus quando #venho_embora. Eu #não_gosto de cidade, eu #gosto daqui, eu #gosto da roça. Eu #não_gosto da cidade, eu #não_ligo pra cidade, #não_gosto. Minha vida é aqui. ($X^2=14$).

O desconforto expresso na UCE acima manifesta a avaliação negativa acerca da organização e funcionamento da vida urbana, colocando novamente em evidência o contraste entre os dois modos de vida – É muito #povoada, #muita_gente, muito_carro, zuada_de_som, aquela bagunça toda que perturba a #gente. Quando tem que #ir lá, fico #doida pra #vir_embora pra casa, tem vez que #fico até com a cabeça_perdida. ($X^2=13$). A partir desta avaliação, a face positiva do contato com a cidade é o retorno à comunidade ("doido(a) para vir embora") – Quando #tem_que_ir_na_cidade, fico #doido pra #vir_embora, #não_gosto não. Eu #gosto mesmo é do meu barraco. Eu cheguei aqui, pronto! Eu falo que eu estou em um #pedaço_de_céu. ($X^2=20$).

A classe 3 "Como vivo aqui: o familiar" representa 33.46% do conteúdo processado pelo programa e gerou 182 UCE's, tendo sido analisadas, em média, 12.35 palavras e 111 vocábulos foram selecionados para esta classe. As palavras mais significativas da Classe 3 (Quadro 2), descrevem os temas da ruralidade vivida ("vivo"), destacando o contexto das famílias, a vida comunitária e as relações de trabalho como dimensões integradas pela forte convivência entre os membros do grupo ("carinho" e "tranqüilidade"), que guardam vantagens em comparação com a vida urbana.

Aqui a gente é #livre, #igual a gente #convive aqui em #família, os #vizinhos todos #juntos, cada um com seu #pedacinho de #terra, cada um na sua casinha. ($X^2=16$); Eu #prefiro o #campo porque "vive mais em #família, pela sobrevivência, por #lutar #pelos seus #ideais e por #gostar mesmo do trabalho no campo. ($X^2=13$).

O sistema integrado *escola – família – trabalho*, baseado na pedagogia rural, no modelo comunitário e na agricultura familiar, fortalece o contexto como positivo ("gosto", "melhor" e "prefiro"), através de alternativas singulares que garantem a permanência no campo e a vinculação com o modo de vida rural.

No rural você aprende muitas coisas #diferentes, pode se #informar, ser um técnico agrícola para #viver no que é seu, na sua #terra. Na cidade é #estudar para ter um #emprego. Eu #prefiro o campo. ($X^2=10$); Pra mim, a #vida é #melhor aqui. Lá é empregado e mandado pelos outros. Vale a pena #viver aqui. ($X^2=10$).

Os *acordos livres* mantidos pelos moradores da comunidade, que vivem do mesmo tipo de trabalho e possuem desafios comuns, oferecem à vida das pessoas a tonalidade de um sistema solidário ("igualdade", "livre" e "pode") que atenua as dificuldades enfrentadas cotidianamente, conforme se pode verificar na UCE's abaixo:

A #vida aqui é #diferente, nossa #vida aqui é melhor, melhor pra #viver, pra tudo, no sentido de #viver. Aqui mesmo sem_estudo, a pessoa #trabalha e ganha seu dia aqui. ($X^2=13$); Aqui é mais #união. Na roça é mais fácil conseguir o #dinheiro, porque na cidade se #não_tiver a renda, você passa #fome e é humilhado. Aqui na roça você não tem #dinheiro, mas se um



amigo tem, você #paga com o seu #trabalho na
lavoura dele e na cidade #não_tem isso. ($X^2=14$).

Estes elementos explicitam especificidades que solidificam a imagem de um rural com o qual o grupo se identifica, e mesmo considerando a dependência de alguns recursos presentes na cidade (como apresentado na Classe 1), os respondentes defendem a idéia de um modo de vida sustentável, com a autonomia necessária para a condução da vida das famílias dentro da própria comunidade.

Os campos semânticos das Classes 1 e 3 ("lá" e "aqui") evidenciam o nítido contraste entre os significados que retratam a cidade e o rural, formulados segundo a dinâmica da polarização temática: (a) dimensão perceptiva - *parece/vejo vs. vivo*; (b) dimensão avaliativa - *não gosto vs. gosto/melhor/prefiro*; e (c) dimensão afetiva-valorativa - *doido/medo/meu Deus/triste vs. carinho/igualdade/livre/pode/ tranquilo*. O conteúdo de natureza opositiva que sustenta a comparação entre as duas categorias sociais (Marcová, 2006) revela significados que se contrapõem; no entanto, tais significados guardam profunda relação de interdependência no que se refere ao campo simbólico, posto que a representação social "é formada a partir de um esquema funcional fundado sobre antinomias, entretidas pela relação dialética de oscilação entre tensão e integração de teses opostas" (Lima, 2007, julho-agosto, p. 05). A conexão entre os dois mundos, como realidades representadas ou simbolizadas pelos participantes, se expressa no contato fugaz do ir-e-vir (campo-cidade-campo), o que reforça os elementos contidos nas representações cuja função é garantir a distintividade entre os dois grupos.

O Eixo 2 "Objetivação das imagens de rural e cidade" é constituído pelas Classes 2 e 4, com índice de relação entre elas de 0.63. Este conjunto de dados (Quadro 3) fornece elementos que indicam a seleção do conteúdo específico sobre o complexo icônico referente aos objetos de representação abordados no estudo.

Quadro 3: Distribuição das palavras segundo as classes fornecidas no Eixo 2

| EIXO 2 OBJETIVAÇÃO DAS IMAGENS DE RURAL E CIDADE | | | | | | | |
|---|--------|-------------------|-------|---------------------------------|-------|-------------|-------|
| CLASSE 2 O retrato do rural | | | | CLASSE 4 O retrato da cidade | | | |
| Termo | Chi-2 | Termo | Chi-2 | Termo | Chi-2 | Termo | Chi-2 |
| Café/ Pimenta | 154.65 | Supermercado | 28.01 | Poluição | 79.99 | Aglomerados | 26.94 |
| Árvores | 72.10 | Estradas de terra | 23.43 | Movimentação | 61.49 | Lixo | 25.85 |
| Lavouras | 58.57 | Lojas | 20.46 | Prédios | 45.66 | Trânsito | 25.85 |
| Casas | 57.74 | Rural | 20.30 | Comércios | 30.42 | Favela | 20.49 |
| Criações | 28.04 | Hospital | 13.01 | Indústria | 27.87 | Cidade | 11.07 |

A classe 2 "O retrato do rural" é formada por 17.28% do *corpus* e contém 94 UCE's, tendo sido analisadas, em média, 15.29 palavras por UCE. O número total de palavras selecionadas para esta classe foi 106. Como se pode verificar, o rural é retratado principalmente por meio dos temas da *natureza* (com rios, animais, árvores e terra) e da expressão da *apropriação humana* deste espaço, com as *casas, estradas de terra* e as pessoas envolvidas em atividades de lazer e de trabalho.

No #rural as #lavouras, capim, #rio com #peixe, #café/pimenta, #homem #plantando, os #passarinhos e as #árvores. Aqui eu gosto de #pescar, vou à #escola, ajudo meu avô na #roça, gosto de #brincar. ($X^2=31$); No meio #rural tem um #homem #capinando, um #menino #andando de bicicleta, uma #casa e #árvores, tem um pato nadando na água, bebendo água. ($X^2=19$).

Os elementos que configuram o retrato do rural sugerem uma conotação paradisíaca que inspira a interpretação deste espaço como tranqüilo e dotado de completude, conforme UCE a seguir: tem o #córrego, a #natureza, as #plantações, as #pessoas trabalhando



#juntas, com muita harmonia e o #companheirismo. #Desenharia o #córrego, terras cheia de #córregos e #frutas, é isso que o pessoal está acostumado a ver no meio #rural. ($X^2=17$). A ação do homem através do trabalho é uma das dimensões que reforça a imagem positiva do rural e que completa o seu sentido, dotando de segurança a sobrevivência na comunidade rural. As seguintes UCE's ilustram essa dimensão:

Aqui tem muita #árvore, as #roças que a gente planta #café/pimenta, as #represas, as florestas, as #hortas, #alimentação sem veneno, muito pássaros, a gente #cria as #galinhas, tem os vaqueiros, os bois, as #vacas, a terra. ($X^2=16$); No meio #rural tem o #sol, as #nuvens, as #casas #simples, igual tem aqui, tem as #lavouras de #café/pimenta, #milho e #feijão, aqui a gente #produz para comer, é a nossa sobrevivência. ($X^2=21$).

Ainda na Classe 2 (Quadro 3), é interessante destacar a presença dos elementos "supermercado", "lojas" e "hospital", que foram associados ao campo lexical que reúne o complexo icônico vinculado ao rural. Estes elementos retratam a demanda de alguns serviços, necessários à sobrevivência dos membros do grupo rural, mas que ainda estão disponíveis apenas na cidade. Os referidos elementos do território urbano foram associados ao contexto lexical rural por compartilharem um mesmo contexto de ocorrência (Oliveira, Gomes & Marques, 2005) - *No #rural é #campo_de_futebol, a comunidade, cooperativa, posto_de_saúde, #igreja. Eu vivo aqui e é assim. Na cidade é #lojas, #supermercados e #hospital.* ($X^2=16$).

Este arranjo conceitual se aplica apenas aos recursos, se referindo a elementos reclamados como necessários à vida no campo, mas não ao plano do modo de vida, mantendo o conflito que estabelece distância simbólica entre os dois grupos - *Cidade seria uma #casa, um #homem e uma gaiola. Faria uma torre e um passarinho na gaiola, lá na cidade. No #rural, um #sol, um #passarinho na #árvore, um #rio com um monte de #peixes e as #árvores com um monte de #frutos.* ($X^2=16$).

Na Classe 4, "O retrato da cidade", foram analisadas, em média, 15.72 palavras por UCE, sendo constituída por 18.38% do *corpus* total processado, com 100 UCE's e 115 palavras selecionadas para esta classe. Na imagem da cidade são destacados a estrutura e o funcionamento dos grandes centros urbanos ("comércio" e "indústria") como pólos aglutinadores das decisões comerciais, econômicas e políticas.

Na #cidade é o #grande_centro, muitos apartamentos, carros, #trânsito, aquele #barulho infernal, #muitas_pessoas apressadas #correndo pra lá e pra cá, aquele #tumulto. Na cidade se #aglomera as pessoas e tudo está envolvido para estar próximo do #grande_centro, #representa muito a #questão financeira do dinheiro, tudo está envolvido ali. ($X^2=15$).

Como "grande centro", a cidade concentraria ainda a maior parte da população, demandando uma estrutura apropriada não apenas à dimensão demográfica, mas também à diversidade de grupos sociais existentes no território urbano de modo a garantir o funcionamento dos serviços e da vida cotidiana das pessoas neste espaço ("aglomerados", "movimentação", "prédios" e "trânsito").

A #cidade é muitas_casas, #prédios, #indústrias, a #fumaça das #indústrias, muitos_carros, #muitas_pessoas, #prefeituras, asfalto, #sinal. A #cidade é assim, urbanização, aquela #aglomeração de #prédios, #muita_gente. ($X^2=21$); É um #espaço que dá pra visualizar que é diferente. O #quadro da #cidade seria mais do concreto: casas, #prédios, lojas, pessoas_de_carros, um #ambiente de #poluição, #indústrias, com muitas_pessoas. ($X^2=13$).



A participação do contexto rural na constituição das cidades também foi mencionada pelos participantes como um dos fatores que contribui para a sua expansão – *Essa #imagem é por causa do #movimento da urbanização, vai crescendo, sai do meio rural e vai pra #cidade, vai crescendo, aumenta a população, a #cidade quer crescer, vai apertando e ficando cheia de #indústrias.* ($X^2=12$). Os efeitos negativos (“lixo” e “poluição”), provenientes do processo de industrialização e dos “excessos estruturais” (muitos carros, muitas pessoas, muitas lojas, por exemplo), caracterizam a cidade como negação de um dos elementos centrais do quadro rural, a natureza.

Na #cidade seria #indústrias soltando #fumaça, #poluindo o #meio_ambiente, #poluindo o ar, criando o efeito estufa, #causando uma péssima #qualidade_de_vida para todos. Na cidade tem muita #poluição, o lixo das indústrias. ($X^2=12$); A imagem da #cidade é um #local horrível: muita #poluição, desmatamento, #sem_verde, não dá pra ver a terra. Na #cidade é difícil ver o #verde e a terra. ($X^2=11$).

Além da interferência negativa sobre o meio ambiente, a lógica de concentração dos recursos por determinada parcela da população urbana é ressaltada como uma das faces da cidade, indicando que na interpretação dos participantes há um *desequilíbrio* também na dimensão humana, processo que está representado no elemento “favela”, entendido neste contexto como sinônimo de pobreza (Classe 4).

Um aspecto que merece ser destacado, tendo em vista a contextualização da comunidade no cenário territorial mais amplo, é que a imagem de cidade tal como representada pelos participantes parece englobar não apenas elementos da vivência local (Classe 1), mas, sobretudo, uma imagem generalizada e abstraída da cidade de contato (Classe 4). Neste ponto, é necessário considerar que os elementos assimilados pelo grupo sofrem a influência também dos meios de comunicação de massa, os quais se tornam mecanismos centrais na difusão de padrões existenciais, crenças, valores e estereótipos, “exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem” (Alexandre, 2001, p. 216). Como fenômeno ativo e compartilhado, a elaboração da representação social no interior do grupo implica na seleção dos elementos que irão compor o seu significado; os indivíduos se apropriam dos objetos sociais incorporando/rejeitando informações, influenciados também por mecanismos institucionais internos como escolas, botequins, família e igreja, ganhando as conversações cotidianas nos diversos espaços de interação entre as pessoas do grupo – *É o meu modo de pensar, na escola_rural #ensinaram isso, como é a #tecnologia e o convívio das pessoas da #cidade, o desenvolvimento, e aí cria uma imagem na sua cabeça.* ($X^2=10$).

Para a análise do processo de objetivação das representações sociais de rural e cidade, adotou-se para comparação o conjunto de dados relativo às “coisas boas” e “coisas ruins” do rural e da cidade. Como se observou a manifestação de respostas estereotipadas (*não tem nada de bom na cidade e tudo é bom no rural*) utilizou-se as questões complementares “se existisse algo de bom na cidade, o que seria?” e “se existisse algo de ruim no rural, o que seria?”. A estratégia contribuiu para atenuar o efeito identificatório nas informações solicitadas.

O contraste entre os elementos sugeridos pelo software ALCESTE (Quadros 2 e 3) e o conteúdo evidenciado a partir da identificação dos *pontos bons e ruins do rural e da cidade* (Quadro 4), permite destacar a *fase seletiva* do processo de objetivação das representações sociais. No que se refere aos componentes das Classes fornecidas pelo software ALCESTE, o referido conteúdo é resultado deste processo seletivo realizado pelo sujeito da representação e é também produto da significância que este conteúdo assume no contexto discursivo grupal.



Quadro 4: Caracterização do rural e da cidade a partir de pontos positivos e negativos

| PONTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DE RURAL E CIDADE | | | | | | |
|--|----------------------|-------|----------------|---------|--------------------|----|
| POSITIVO | | | NEGATIVO | | | |
| Termo | Freq. | Termo | Freq. | Termo | Freq. | |
| RURAL | Natureza | 45 | Lazer | 32 | Agrotóxicos | 75 |
| | Comunidade | 42 | Escolas-rurais | 30 | Clima-tempo | 36 |
| | Convivência | 39 | Igreja | 28 | Sem-política-rural | 34 |
| | Lavouras | 37 | Trabalho | 28 | Botecos-bebidas | 24 |
| | Amigos | 34 | Tranqüilidade | 28 | Transporte | 20 |
| | Vida-saudável | 34 | Família | 27 | Nada de ruim | 20 |
| CIDADE | Comércio | 120 | Lazer | 31 | Violência | 99 |
| | Instituição de saúde | 93 | Igreja | 30 | Drogas | 61 |
| | Estudo | 44 | Banco-cartório | 24 | Polução | 55 |
| | | | | Pobreza | 53 | |
| | | | | Tumulto | 31 | |

Nota: constam neste conjunto de dados os elementos com freqüência acima de 20 para a listagem "coisas boas" e "coisas ruins" do rural e da cidade, conforme procedimento do software SPSS-17.

Como reconstrução do objeto, o processo de elaboração das representações sociais sofre a interferência de três efeitos de defasagem, quais sejam, a distorção, a subtração e a suplementação (Jodelet, 2001). Na construção seletiva (primeira fase do processo de objetivação), o efeito de (i) *distorção* imprime ao objeto a tonalidade acentuada ou diminuída de características que lhes são próprias. Para o objeto cidade, por exemplo, os atributos negativos a ele associados são enfatizados favorecendo a constituição de um núcleo figurativo cuja imagem comunica o urbano como um contexto ameaçador e desordenado. Assim, a cidade não é *apenas* "tumultuada" e "barulhenta", ela é *muito* "tumultuada" e "barulhenta", evoluindo para a imagem metafórica de um ambiente "infernal" (Classes 1 e 4). Seguindo semelhante estratégia, o rural não é *apenas* um lugar "tranquílio" e "calmo", ele é *muito* "tranquílio" e "calmo", um contexto de *muita* "harmonia", praticamente um "pedaço de céu" (Classes 2 e 3).

Na seleção dos elementos que irão compor as representações sociais dos objetos abordados, rural e cidade, verifica-se também (ii) a *subtração*. Favorecendo a lógica seletiva submetida ao processo de identificação com a categoria social ruralidade, permanecem no campo representacional de cidade apenas elementos valorados negativamente e, por sua vez, para o rural somente elementos positivos. A partir do Quadro 4, pode-se conferir a elaboração das representações no imaginário grupal, com a retenção apenas dos significados positivos para cidade e dos negativos para rural. Além disso, o elemento "comércio" indica que o efeito seletivo atuou ainda sobre a valoração dos elementos, uma vez que no retrato da cidade o mesmo possui uma conotação negativa (como ícone da supervvalorização do financeiro), enquanto nos pontos positivos da cidade aparece como elemento principal. Este efeito de polarização ilustra o trabalho de elaboração das representações pelo grupo em função de seus interesses, processo que concorre para a significação dos objetos sociais. É esperado, portanto, que em função de "sua posição na sociedade, de seus interesses ou de seus valores, o grupo vá concentrar sua atenção num ponto que o preocupa mais particularmente" (Deschamps & Moliner, 2009, p. 126). Por fim, os indícios de uma aproximação entre elementos tidos como próprios da cidade (hospital, supermercados e lojas) e o retrato do rural (Classe 2) sugere a possível atuação do efeito de (iii) *suplementação*, processo através do qual são atribuídas ao objeto características que este não possui. Eis o engenhoso trabalho de simbolização empreendido: "As pessoas configuraram seus mapas mentais a partir de suas perspectivas sociais e afetivas, buscando localizar-se num espaço que é representado e, portanto, fruto também da criatividade" (Cruz & Arruda, 2008, p. 800).

Da elaboração simbólica empreendida na fase da construção seletiva deriva a *esquematização estruturante* ou o *núcleo figurativo* (segunda fase da objetivação), o qual concretiza o objeto da representação em uma imagem tangível. A estrutura figurativa e simbólica do objeto rural contempla o conjunto temático *modo de produção*,



natureza e ambiente familiar-comunitário (Classe 2). Assim, o rural é materializado através da imagem da casa, com as lavouras e criações, as pessoas trabalhando, conversando e se divertindo, em constante interação, uma vida tranqüila. A simbologia apresentada é coerente com a realidade vivida pelo grupo e pelas famílias camponesas tradicionais em território brasileiro (Moreira, 2005), mas não apresenta o rural que sofre com as oscilações climáticas e com a falta de políticas públicas, ou ainda que utiliza agrotóxicos e que também possui práticas nocivas ao meio ambiente, por exemplo (Quadro 4). No que se refere à seleção dos elementos constitutivos do complexo icônico do objeto cidade, os indivíduos apreenderam mais facilmente os significados apoiados na idéia de urbanização e de seus efeitos negativos, sintetizados na cena do trânsito tumultuado, da indústria poluindo o ar, das favelas e da mendicância, do lixo pelas ruas e da aglomeração de pessoas em prédios, uma vida corrida e estressante. Tal como a face negativa do rural, a dimensão positiva da cidade foi apagada, sendo os elementos problemáticos ou ruins percebidos como a totalidade do objeto cidade e de sua significação para o grupo rural.

Finalmente, o esquema figurativo *naturalizado* (terceira e última fase da objetivação) assume a conotação de realidade concreta para os indivíduos, confirmando a proposição *jodeletiana* de que o ato de representar implica sempre um sujeito e um objeto, relação epistêmica na qual “a representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito” (Jodelet, 2001, p. 27). Esse princípio constitutivo e funcional da realidade tem especial aplicação na orientação das práticas sociais e no processo identificatório dos grupos (Cruz & Arruda, 2008), pois o “fato de compreendermos o cotidiano através das imagens significa que nosso mundo, nossa realidade social não é apenas representada de forma imagética, mas também constituída ou produzida dessa forma” (Bohsack, 2007, p. 289). Os resultados relacionados à dimensão afetiva (Quadro 1) ilustram essa imagem naturalizada. Como foi possível verificar, as práticas mencionadas pelos indivíduos em relação aos dois territórios, bem como as manifestações afetivas verbalizadas, retratam a elaboração de uma realidade tida como naturalmente ameaçadora e não familiar vs. a segurança e familiaridade oferecida pelos espaços da comunidade, do endogrupo, ratificando as discussões apresentadas por Amerio (2003, 2004), Moser (2004), Rimé (2008) e Arruda (2009b).

Após a descrição do processo de simbolização e objetivação dos objetos rural e cidade faz-se necessário refletir sobre a função e operacionalidade que este imaginário possui para o grupo rural, tarefa que será realizada a seguir.

Articulando representações sociais e campo afetivo

A polaridade do campo afetivo foi adotada como variável à análise das representações sociais do rural e cidade, identificada pelos seguintes códigos correspondentes: *afetru_01 (afetos positivos ao rural), *afetcid_01 (afetos positivos para a cidade) e *afetcid_02 (afetos negativos para a cidade). Em função da baixa freqüência do AN-rural e do campo ambíguo referente à cidade, estas variáveis não foram projetadas no plano fatorial pelo software ALCESTE. A Figura 2 fornece a configuração das relações entre as classes e as variáveis associadas.

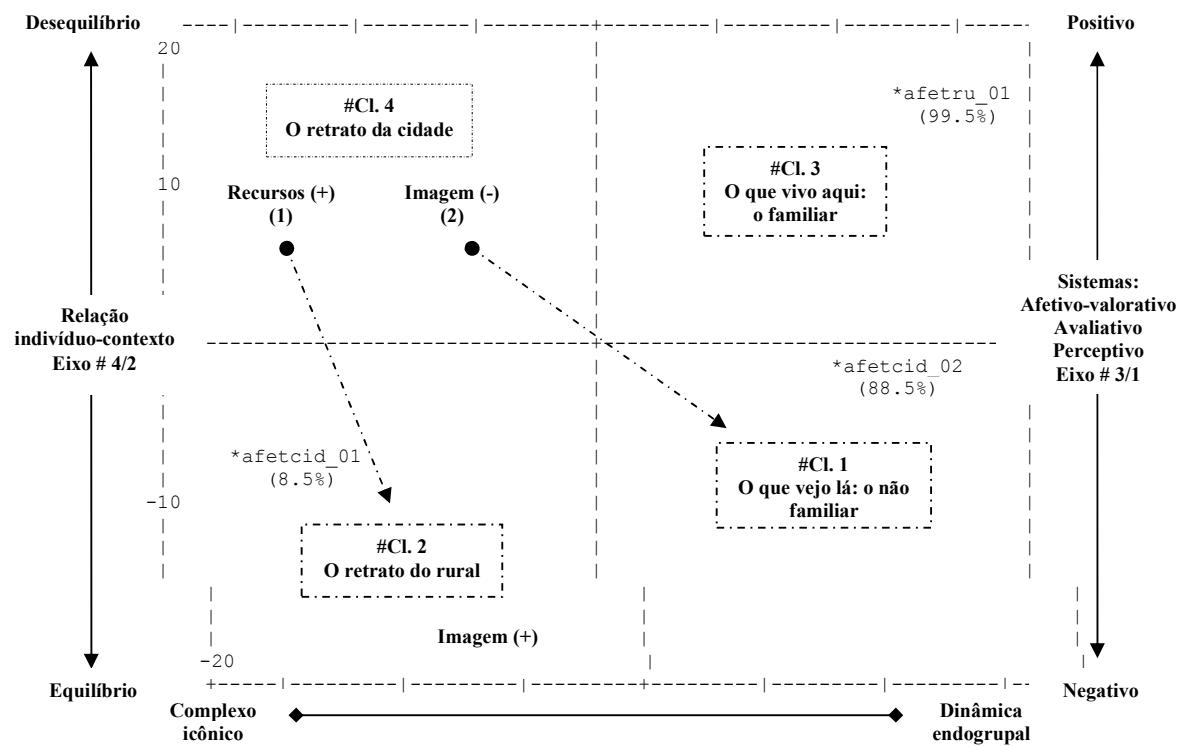


Figura 2 - Projeção das variáveis e classes no plano fatorial

Nota: Eixo horizontal: primeiro fator: V.P. = .2250 (45.42% de inércia); Eixo vertical: segundo fator: V.P. = .1405 (28.37% de inércia)

Na Figura 2 pode-se observar a disposição do campo representacional formado na relação entre o complexo icônico dos objetos e de sua função/presença na dinâmica endogrupal da comunidade rural estudada. Conforme Eixo 2 (Classes 2 e 4), a análise temática sugere que a constituição do núcleo figurativo de rural e de cidade apóiam-se no sistema funcional *equilíbrio↔desequilíbrio*, retratando o rural como sistema harmônico e a cidade como caótica, nas dimensões estrutural-espacial, das relações sociais e da interação indivíduo-território. Das UCI's referentes ao campo lexical do objeto cidade, o imaginário do grupo rural promoveu o deslocamento de elementos [Recursos (+) (1)] que são ausentes no território, mas que pelas características da relação campo-cidade tornam-se uma extensão do rural em espaço citadino. Como estratégia de simbolização em favor da imagem do endogrupo, o deslocamento permitiu a elaboração de uma imagem completa do rural, introduzindo em seu campo os elementos "hospital", "supermercado" e "lojas", como já discutido. É interessante destacar a associação da variável *afeto positivo-cidade* (8.5%) à Classe 2 (Retrato do rural), demonstrando coerência entre o conjunto de dados apresentados na primeira parte do estudo – onde se verificou a valorização de recursos necessários à condução da vida no campo que estão disponíveis apenas na cidade – e a elaboração integrada e extendida da figura do rural contemplando elementos complementares e relevantes ao contexto campesino. A face negativa da cidade [Imagem (-) (2)] é concebida, por sua vez, como a representação do objeto, contribuindo para que as relações entre o grupo rural e o território urbano sejam mediadas pelo desconforto e pelo medo, conforme já demonstrado acima.

No campo relativo ao contato entre os grupos (Eixo 1), verifica-se a conexão entre a Classe 1 e o afeto *positivo-rural* (99.5%), e entre a Classe 3 e o afeto *negativo-cidade* (88.5%), ratificando a interpretação de que o processo de elaboração das representações sociais está subordinado ao favorecimento dos processos identitários (De Rosa &



Mormino, 2000; Deschamps & Moliner, 2009) vinculados à categoria ruralidade, com o consequente esforço para afastar a possibilidade de identificação com o modo de vida urbano. Os resultados apresentados no plano fatorial confirmam os dados encontrados no campo afetivo (Quadro 1) e na Classificação Descendente Hierárquica (Quadros 2 e 3).

Integrando os resultados que sustentam as análises desenvolvidas no estudo, a imagem equilíbrio/desequilíbrio operacionalizada na dinâmica *aqui/lá*, traduz o rural e a cidade a partir de um sistema relacional que define a fronteira simbólica entre dois modos de vida distintos, apoiados no contexto de significação a partir do pertencimento ao grupo rural. A vinculação identitária imprime ao processo de representação a função de sistema de referência que serve com eficácia aos propósitos da organização grupal [de ordenamento sócio-cognitivo do mundo e de seus eventos, de localização simbólica entre o grupo de pertencimento e aquele do qual procura se diferenciar, ou, como sumarizado pelos teóricos da identidade social, entre *nós* e *eles*].

Moser (2004) e Amerio (2003, 2004) explicam que na apropriação territorial por um grupo, a familiaridade tecida através da rede de relações sociais solidifica o funcionamento estratégico no qual os conflitos internos são minimizados e o contexto externo e os demais grupos são percebidos como ameaça ao equilíbrio da comunidade. O resultado é a elaboração de um sistema paradoxal que articula segurança e vulnerabilidade (Delumeau, 2007), processo que se reflete nas representações a serviço da categorização social, garantindo a maximização das diferenças entre grupos e a diminuição das diferenças identificadas no interior do grupo (Brown, 1997, 2000). Como matéria-prima ao trabalho de elaboração da pertença social, os elementos de identidade e representações sociais (Souza, 2008) são mobilizados no eixo processual igualdade-diferença resultando na significação a favor da coesão grupal (Cruz & Arruda, 2008), como se identificou nos resultados deste estudo.

Considerando o fenômeno estudado, a comunicação/composição (conteúdo/processo) da dimensão afetiva confirma e expressa a imagem da representação reconhecida no plano da estruturação figurativa, conteúdo revestido de ideologia e interesses grupais. Seguindo a proposição teórica das representações sociais (De Rosa, 2005; Jodelet, 2001, 2005; Moscovici, 2003, 2005; Palmonari, Cavazza & Rubini, 2002), entende-se que o complexo afetivo e o núcleo imagético das representações de rural e cidade se reúnem formando/orientando o *sentimento de pertencimento* ao grupo rural e de *não pertencimento* à cidade. Nesta perspectiva, a observação de Brown (2000) é esclarecedora, quando tomada no contexto da participação da cultura comunitária na elaboração do campo representacional estudado: "um dos aspectos mais elementares da formação do grupo pode ser a experiência de um destino comum, ter a noção de que o resultado pessoal está ligado ao dos outros" (p. 70 – tradução nossa). Esta dependência mútua favorece o envolvimento em projetos compartilhados e o nascimento de uma sociabilidade grupal, ampliando o contexto propício à elaboração de um coletivo e de uma identidade social vinculada às vivências comunitária e rural pelos moradores do território.

Considerações finais

As reflexões que orientaram o desenvolvimento do estudo focalizaram a investigação e análise das representações sociais de rural e cidade para moradores de uma comunidade rural. A interpretação do campo empírico foi conduzida tendo como referência a análise processual das representações em consonância com o conceito de objetivação.

Os resultados indicaram a associação do território endogrupal a afetos positivos, destacando a familiaridade com o contexto local e a forte convivência entre as pessoas nos diferentes domínios do espaço comunitário rural. À cidade, por sua vez, manifestou-se experiências de medo, desconforto e mal-estar físico, sintetizadas no campo afetivo que confere ao universo urbano significação negativa. No que se refere à elaboração do núcleo figurativo dos objetos abordados, verificou-se que o rural apóia-se na idéia de um sistema em equilíbrio e harmonia, enquanto a cidade é representada como caótica e



desordenada. Finalmente, na articulação entre a dimensão afetiva e o componente icônico das representações observa-se a função que as imagens objetivadas assumem no contexto discursivo grupal, concretizando na esfera identitária o pertencimento à categoria ruralidade.

Das discussões proporcionadas pela análise dos resultados pode-se destacar dois aspectos que integram os processos de identidade e representações sociais como fenômenos vividos pelo grupo a partir da esfera categorial *ruralidade*: (a) como sistema de interpretação da realidade (Jodelet, 2001), as representações orientam práticas sociais; no contexto em análise orientam mais especificamente a interação entre o grupo e diferentes territórios. Servindo aos propósitos da ideologia endogrupal, o objeto *cidade* foi revestido de uma significação negativa e ameaçadora, marcadamente personificada a partir do processo de urbanização como superação do rural em favor da cidade. A cidade de contato, uma típica cidade do interior, passou a ser tratada como uma grande metrópole, como aquela objetivada no imaginário do grupo rural, processo que evidencia e reforça a proposição teórica de influência das representações nas práticas cotidianas; e (b) em uma dimensão mais singular deste processo representação-identidade (Souza, 2008), como fenômenos recíprocos que atuam na defesa e atualização dos campos simbólico e cultural do grupo, verifica-se que as representações sociais, tal como elaboradas, servem aos interesses da comunidade em favor de sua identidade social, localizando-a e representando-a na organização social na qual está inserida a partir de sua dinâmica endogrupal e das relações estabelecidas com os demais grupos.

Os resultados encontrados indicam ainda a necessidade de novos estudos que focalizem as contribuições do campo afetivo na esfera constitutiva e comunicativa das representações (Cruz & Arruda, 2008; Campos & Rouquette, 2003), como gênese e expressão dos elementos objetivados a partir dos processos grupais e das modalidades de ideologia presentes na realidade social. Por fim, as comunidades rurais, e a própria ruralidade como objeto de estudo, apresentam-se como campo privilegiado para a investigação sobre o imaginário e as práticas sociais, bem como sobre os processos de identidade social que inserem-se na contramão das sociabilidades contemporâneas tidas como hegemônicas. No contexto da ruralidade, com escassos trabalhos de investigação focalizando os fenômenos presentes na realidade dos grupos campesinos a partir da Psicologia, entende-se que a possibilidade de desenvolvimento de novas pesquisas poderia auxiliar tanto na compreensão de processos do cotidiano rural quanto na implementação de políticas públicas demandadas pela população rural, em consonância com a cultura e a simbologia local.

Referências

- Alexandre, M. (2001). O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*, 6 (17), 111-125.
- Amerio, P. (2003). *Psicologia di comunità*. Bologna, Italia: Il Mulino.
- Amerio, P. (2004). Présentation: dimensions psychosociales du sentiment d'insécurité. *Psychologie et société*, 7, 07-10.
- Aragão, C. O. M. & Arruda, A. (2008). Bahia, um Brasil evocado em exotismo: alegria, negritude, sabor e movimento nas representações sociais de universitários. *Psicologia em Revista*, 14 (2), 187-202.
- Arruda, A. (2009a). Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos. *Sociedade e Estado*, 24 (3), 739-766.
- Arruda, A. (2009b). Meandros da teoria: a dimensão afetiva das representações sociais. Em A. M. O. Almeida & D. Jodelet (Orgs.). *Representações sociais*:



- interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas (pp. 83-102). Brasília: Thesaurus.
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1977).
- Bardin, L. (2003). L'analyse de contenu et de la forme des communications. Em S. Moscovici & F. Buschini (Orgs.). *Les méthodes des sciences humaines* (pp. 243-270). Paris: PUF Fondamental.
- Barthes, R. (2006). *Elementos de semiologia* (I. Blikstein, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1964).
- Bohnsack, R. (2007). A interpretação de imagens e o método documentário. *Sociologias*, 9, 286-311.
- Bonomo, A. M. S. & Araujo, T. C. F. (2009). Psicologia aplicada à cardiologia: um estudo sobre as emoções relatadas em exame de Holter. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25, 65-74.
- Brown, R. (1997). *Psicologia sociale del pregiudizio* (G. Stella, Trad.). Bologna, Italia: Il Mulino. (Original publicado em 1995).
- Brown, R. (2000). *Psicologia sociale dei gruppi* (G. Stella, Trad.). Bologna, Italia: Il Mulino. (Original publicado em 1988).
- Burity, J. (2001). Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo. *Trabalhos para discussão*, 107. Recuperado em 10/09/2010, de World Wide Web: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/107.html>.
- Cabecinhas, R. (2006). Identidade e memória social: estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste. Em M. Martins, H. Sousa & R. Cabecinhas (Eds.). *Comunicação e lusofonia: para uma abordagem crítica da cultura e dos media* (pp. 183-214). Porto, Portugal: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Campo das Letras.
- Campos, P. H. F. & Rouquette, M. L. (2003). Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (3), 435-445.
- Carvalho, J. M. (1990). *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cerrato, J. & Villarreal, M. (2007). Representaciones sociales: historia, teoría y método. Em J. Cerrato & A. Palmonari (Orgs.). *Representaciones sociales y psicología social: comportamiento, globalización y posmodernidad* (pp. 40-116). Valencia, España: Promolibro.
- Cruz, A. C. D. & Arruda, A. (2008). Por um estudo do ausente: a ausência como objetivação da alteridade em mapas mentais do Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 8 (3), 789-806.
- De Rosa, A. S. (2005). O impacto das imagens e do compartilhamento social das emoções na construção da memória social: uma chocante memória *flash* de massa do 11 de setembro até a guerra do Iraque. Em C. P. Sá (Org.). *Imaginário e representações sociais* (pp. 121-164). Rio de Janeiro: Museu da República.



- De Rosa, A. S. & Mormino, C. (2000). Memoria sociale, identità nazionale e rappresentazioni sociali: costrutti convergenti: guardando all'Unione Europea e i suoi stati membri con uno sguardo verso il passato. Em G. Bellelli, D. Bakhurst & A. Rosa Rivero (Eds.). *Tracce: studi sulla memoria collettiva* (pp. 329-356). Napoli, Italia: Liguori.
- Del Priore, M. & Venâncio, R. (2006). *Uma história da vida rural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Delumeau, J. (2007). Medos de ontem e de hoje. Em A. Novaes (Org.). *Ensaios sobre o medo* (pp. 39-52). São Paulo: Senac; Sesc.
- Deschamps, J.-C. & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais* (L. M. E. Orth, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2008).
- Doise, W., Clemence, A. & Lorenzi-Cioldi, F. (1995). *Rappresentazioni sociali e analisi dei dati* (G. P. Mugnai, Trad.). Bologna, Italia: Il Mulino.
- Feliciano, C. A. (2006). *Movimento camponês rebelde: a reforma agrária no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Frúgoli Jr., H. (2003). A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen, Holanda. *RBCS*, 18 (52), 107-216.
- Galli, I. (2006). La teoria delle rappresentazioni sociali. Bologna, Italia: Il Mulino.
- Gohn, M. G. (2006). *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos* (5ª ed.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 1988).
- Jerônimo, R. N. T. & Gonçalves, T. M. (2008). O processo de apropriação do espaço e produção da subjetividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24, 195-200.
- Jodelet, D. (2001). As representações sociais: um domínio em expansão. Em D. Jodelet, *As representações sociais* (pp. 17-44). (L. Ulup, Trad.). Rio de Janeiro: EDUERJ. (Original publicado em 1989).
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais* (L. Magalhães, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1984).
- Jodelet, D. (2009). O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado*, 24 (3), 679-712.
- Jovchelovitch, S. (2008). *Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura* (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2007).
- Kronberger, N. & Wagner, W. (2002). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. Em M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 416-441). (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2000).
- Leite, I. (1999). *Emoções, sentimentos e afetos: uma reflexão sócio-histórica*. Araraquara, SP: JM.



- Lima, D. M. A., Bomfim, Z. A. C. & Pascual, J. G. (2009). Emoção nas veredas da psicologia social: reminiscências na filosofia e psicologia histórico-cultural. *Psicol. Argum.*, 27 (58), 231-240.
- Lima, L. C. (2007, julho-agosto). *Articulação dos conceitos de «thêmata» e de «fundos tópicos», por uma abordagem pragmática da linguagem em psicologia social*. Trabalho apresentado na V Jornada Internacional de Representações Sociais e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, UnB, Brasília, Brasil.
- Lima, L. C. (2008). Programa Alceste, primeira lição: a perspectiva pragmatista e o método estatístico. *Revista de Educação Pública*, 33, 83-97.
- Lloyd, B. & Duveen, G. (1990). A semiotic analysis of the development of social representations of gender. Em G. Duveen & B. Lloyd (Eds.). *Social representations and the development of knowledge* (pp. 27-46). Cambridge, MA: C.U.P.
- Macedo, D., Oliveira, C. V., Günther, I. A., Alves, S. M. & Nóbrega, T. S. (2008). O lugar do afeto, o afeto pelo lugar: o que dizem os idosos? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24, 441-449.
- Maia, D. (2006). Conflito e família: formas de sociabilidade no sertão cearense. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 5, 15-30.
- Marcová, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente* (H. M. Filho, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2003).
- Martins, J. M. (2004). *A lógica das emoções: na ciência e na vida*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Menandro, M. C. S. (2004). *Gente jovem reunida: um estudo de representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968/1974 e 1996/2002)*. Tese de Doutorado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.
- Moliner, P. (1996). *Images et représentations sociales: de la théorie des représentations à l'étude des images sociales*. Grenoble, France: Presses Universitaires de Grenoble.
- Moreira, R. J. (2005). Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação. Em R. J. Moreira (Org.). *Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo* (pp. 15-40). Rio de Janeiro: DP&A.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1961).
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social* (4ª ed.). (P. A. Guareschi). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2000).
- Moscovici, S. (2005). *Le rappresentazioni sociali* (V. L. Zammuner, Trad.). Bologna, Italia: Il Mulino. (Original publicado em 1984).
- Moscovici, S. (2008). Prefazione. Em B. Rimé. *La dimensione sociale delle emozioni* (pp. 13-17). (R. Ferrara, Trad.). Bologna, Italia: Il Mulino. (Original publicado em 2005).



- Moser, G. (2004). Les conditions psychosociales et environnementales d'un sentiment de sécurité. *Psychologie et Société*, 7, 11-24.
- Naiff, D. G., Monteiro, R. C. & Naiff, L. A. (2009). O camponês e o agricultor nas representações sociais de estudantes universitários. *Psico-USF*, 14 (2), 221-227.
- Agricultores franceses transformam Avenida Champs-Élysées em fazenda. (2010, 23 de maio). *O Estado de São Paulo*. Retirado em 20/09/2010, de World Wide Web: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/05/agricultores-franceses-transformam-avenida-champs-elysees-em-fazenda.html>.
- Oliveira, D. C., Gomes, A. M. T. & Marques, S. C. (2005). Análise estatística de dados textuais na pesquisa das representações sociais: alguns princípios e uma aplicação ao campo da saúde. Em M. S. S. Menin & A. M. Shemizu (Orgs.). *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas* (pp. 157-200). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Palmonari, A., Cavazza, N. & Rubini, M. (2002). *Psicologia sociale*. Bologna, Italia: Il Mulino.
- Parkinson, B. (1996). Emotions are social. *British Journal of Psychology*, 87, 663-683.
- Passos, C. L. (2008). *O modo de ser camponês e a propriedade da terra entre camponeses: a exclusão inspirando os movimentos sociais*. Curitiba: Juruá.
- Pietroforte, A. V. (2007). *Análise do texto visual: a construção da imagem*. São Paulo: Contexto.
- Prezza, M. & Pacilli, M. G. (2002). Il senso di comunità. Em M. Prezza & M. Santinello (Orgs.). *Conoscere la comunità: l'analisi degli ambienti di vita quotidiana* (pp.161-192). Bologna, Italia: Il Mulino.
- Reinert, M. (1990). Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de Methodologie Sociologique*, 26, 24-54.
- Ricci, R. (1999). *Terra de ninguém: representação sindical rural no Brasil*. Campinas, SP: Unicamp.
- Rimé, B. (2008). *La dimensione sociale delle emozioni* (R. Ferrara, Trad.). Bologna, Italia: Il Mulino. (Original publicado em 2005).
- Santaella, L. (2004). *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Sawaia, B. B. (1996). Comunidade: a apropriação de um conceito tão antigo quanto a humanidade. Em R. H. F. Campos (Org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia* (pp. 35-53). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schwarcz, L. M. (2008). Imaginar é difícil (porém necessário): prefácio. Em B. Anderson. *Comunidades imaginadas* (pp. 09-17). São Paulo: Companhia das Letras.
- Silva, M. A. M. (2004). *A luta pela terra: experiência e memória*. São Paulo: UNESP.



Souza, L. (2008). Alteridade, processos identitários e violência acadêmica. Em E. M. Rosa, L. Souza & L. Z. Avellar (Orgs.). *Psicologia social: temas em debate* (pp. 169-198). Vitória: UFES; ABRAPSO.

Wanderley, M. N. B. (2001). A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. Em N. Giarracca (Org.). *Una nueva ruralidad en America Latina?* (pp. 31-44). Buenos Aires: CLACSO.

Williams, R. (1990). *O campo e a cidade: na história e na literatura* (P. H. Britto, Trad.). São Paulo: Cia. das Letras.

Nota

(1) Este artigo é parte da Tese de Doutoramento da autora principal, trabalho intitulado "Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias". Apoio: CNPq e CAPES/PDEE

Nota sobre os autores

Mariana Bonomo - Graduada (2004) e Doutora em Psicologia (2010) pela UFES. Atualmente participa da coordenação do Programa de Intervivência Universitária e atua como pesquisadora colaboradora da Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social (RedePSO - UFES). Tem experiência na área de Psicologia Social, com ênfase em Identidades Sociais e Relações Grupais, atuando principalmente nos seguintes temas: representações sociais, identidade social, ruralidade e etnia. Contato: marianadalbo@gmail.com

Lídio de Souza - Possui mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela PUC/SP (1986), doutorado em Psicologia Social pela USP (1995) e pós-doutorado em Psicologia Social pela USP (2005-2006). Atualmente é professor associado II, atuando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e no Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da UFES. Tem experiência na área de Psicologia Social, com ênfase em Relações Intergrupais, desenvolvendo e orientando estudos nos seguintes temas: violência e exclusão, identidade social, representação social, gênero e direitos humanos. Contato: lidio.souza@uol.com.br

Data de recebimento: 19/07/2010
Data de aceite: 24/11/2010